

AS RESSONÂNCIAS DO *LIVRO DO APOCALIPSE* EM *INVENÇÃO DE ORFEU*, DE JORGE DE LIMA

Margaret Anne Clarke¹

Resumo: O presente trabalho trata dos fundamentos bíblicos do poema épico *Invenção de Orfeu*, publicado pelo escritor brasileiro Jorge de Lima em 1952. O artigo começará com uma apresentação dos contextos mais relevantes ao tema do artigo, tais como a relação entre a poética modernista do século XX, o resgate e a afirmação da doutrina cristã nessa época, e a posição de Jorge de Lima respeito a essa corrente de pensamento teológica e literária. O texto de *Invenção de Orfeu* será analisado com referência específica aos preceitos da escatologia cristã, especialmente conforme apresentados no *Livro do Apocalipse*, da Bíblia Sagrada, e a influência deste nas poéticas empregadas por Jorge de Lima para construir uma visão e uma esperança de redenção para a humanidade com Segunda Vinda de Jesus Cristo e a recriação de “um novo céu e uma nova terra” no reino eterno restaurado por Deus.

Palavras-chave: Jorge de Lima. Bíblia. Apocalipse.

RESONANCES OF THE *BOOK OF REVELATION* IN JORGE DE LIMA'S *INVENÇÃO DE ORFEU*

Abstract: This paper examines the biblical foundations of the epic poem *Invenção de Orfeu*, or *The Invention of Orpheus*, published by the Brazilian writer Jorge de Lima in 1952. The article will begin with a presentation of the contexts most relevant to this subject, such as the relations between 20th-century modernist poetics and the revival and affirmation of Christian doctrine during that period, together with Jorge de Lima's position regarding this current of theological and literary thought. The text of *Invenção de Orfeu* will be analysed with specific reference to the precepts of Christian eschatology, and in particular, as presented in the Book of Revelation of the Holy Bible. From there, this study will proceed to an examination of the influence of the *Book of Revelation* on the poetic methods employed by Jorge de Lima to construct a vision and a hope of redemption for humanity through the Second Coming of Jesus Christ and the recreation of ‘a new heaven and a new earth’ in the eternal kingdom restored by God.

Keywords: Jorge de Lima. Bible. Revelation.

O tema do presente trabalho é o poema épico *Invenção de Orfeu*, da autoria do poeta brasileiro Jorge de Lima (1892 – 1953). A carreira desse autor, iniciada a partir de 1925, envolveu-se com as múltiplas fases da poética modernista no Brasil ao longo das décadas de

¹ Doutora em Estudos Hispânicos pela Universidade de Liverpool. Atualmente, é Professora Visitante no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4176-3875>. E-mail: manne@unicamp.br.

1920 até a de 1940. Essa trajetória culminou na publicação de *Invenção de Orfeu* em 1952, um ano antes do falecimento do poeta. *Invenção de Orfeu* é reconhecido como o proeminente poema épico brasileiro publicado no século XX (HONORATO, 2009, p. 78), uma obra que se destaca tanto por sua extensão quanto por sua diversidade formal: é composto por 231 peças poéticas compostos em estilos diversos, distribuídos em dez cantos à maneira d’*Os Lusíadas* de Luíz Vaz de Camões.

O ponto de partida para este artigo é a premissa, oriunda do próprio testemunho de Jorge de Lima, de que motivos religiosos e cristãos constituem a matriz essencial e a fonte do significado, padrão e desenho de *Invenção de Orfeu*. O foco específico será um exemplo dos fundamentos bíblicos que constituem o cerne da obra, com referência especial ao último livro da Bíblia Sagrada, o *Apocalipse* de São João de Patmos. Esta obra retrata um drama cósmico, no qual Deus e Jesus Cristo travam um conflito final contra as forças do pecado, do mal e da destruição que assolam a terra. No final, essas forças são vencidas e eliminadas, para a recriação de Deus de “um novo céu e uma nova terra” (2Pd, 3:13), no qual a criação originária de Deus é restaurada à sua perfeição original, e a humanidade sofredora é redimida em Jesus Cristo (Ap 22:21).

O *Livro do Apocalipse* tem sido, há muito tempo, uma das principais “gramáticas do imaginário apocalíptico” para a literatura ocidental, fornecendo um vasto repertório de símbolos que poetas e autores têm utilizado para explorar temas como cataclismo, transcendência e o divino. Segundo van Nierkerk, a sua linguagem “altamente mítica” fornece uma estrutura para que a literatura moderna aborde conflitos cósmicos e turbulências espirituais (VAN NIERKERK, 2025). Portanto, este trabalho visa demonstrar a relevância do *Livro do Apocalipse* para a estrutura e a composição de *Invenção de Orfeu*, dentro de dois contextos principais: primeiro, o destaque para os princípios escatológicos que fundamentam a obra de Jorge de Lima, e em grande medida, influenciam a sua estrutura e composição. Segundo, o interesse renovado pela crítica recente sobre a relação entre o pensamento modernista brasileiro e a crença religiosa e espiritual, a partir do meados do século vinte e além. Em seguida, apresentarei um exemplo específico, extraído do *Livro do Apocalipse*, para demonstrar de que maneira e sob que forma o *Apocalipse* serve de modelo para a poética de *Invenção de Orfeu*, com referência especial ao uso de imagens e símbolos — sobretudo aquelas inspiradas no mundo natural — e ao seu papel destes no processo de simbolização na obra de Jorge de Lima.

O primeiro ponto de partida, portanto, é a premissa de que *Invenção de Orfeu* é o fruto de uma vocação religiosa perceptível na obra do Jorge de Lima desde o início de sua carreira.

A adesão formal e pública de Jorge de Lima à doutrina cristã e, mais especificamente, aos preceitos da Igreja Católica, foi declarada em 1935 com a publicação da coletânea *Tempo e Eternidade*, em parceria com Murilo Mendes. Neste volume, ambos os poetas afirmaram sua intenção primordial de “restaurar a poesia em Cristo” (LIMA e MENDES, 1935). Outras declarações feitas nos dezessete anos seguintes entre 1935 e a publicação de *Invenção de Orfeu* comprovam a intenção consistente de Jorge de Lima de renovar e transformar a relação entre a doutrina cristã e a poética moderna:

Senti-me inteiramente à vontade para empreender a desejada renovação, já havendo compreendido que o plano mais elevado para isso seria a poesia que restaurasse em Cristo, que é a mais alta Poesia, a mais alta verdade, o nosso destino mesmo, e tivesse, não uma tradição regional ou nacional, mas sim a mais humana e universal das tradições (SENNA, 1958, p. 75).

A partir da sua conversão formal ao Cristianismo, Jorge de Lima dedicou-se a desenvolver uma poética adequada ao objetivo que se propôs. A evolução dessa poética pode ser acompanhada na série de coletâneas publicadas das décadas de 1930 e 1940, *Tempo e Eternidade* em 1935, *A Túnica Inconsútil* em 1938 e *Anunciação e Encontro de Mira-Celi* em 1943 (LIMA, 2006). Enquanto o poeta mantinha consistentemente os preceitos do catolicismo ortodoxo como enquadramento doutrinário, os poemas nessa coletânea visavam inspirar uma resposta do leitor contemporâneo com o objetivo final de transformar a sociedade por meio da participação de toda a humanidade no plano de Deus para a redenção divina. A afiliação do esquema escatológico cristão com as poéticas modernas, anunciada pela primeira vez em *Tempo e Eternidade*, foi trabalhada e desenvolvida por Jorge de Lima nos volumes posteriores, evoluindo para uma série de processos dialéticos plenamente realizados o *modus operandi* poético de *Invenção de Orfeu*. Os poemas *d'A Túnica Inconsútil* e *Anunciação e Encontro de Mira-Celi* são criados ao redor da tese da eternidade divina e da antítese do mundo temporal que serão superadas pela promessa, continuamente antecipada, da segunda vinda do Jesus Cristo, “Primogênito dentre os mortos e soberano dos reis da terra” (Ap 1: 5) e da redenção para a humanidade em algum momento no futuro, ainda desconhecido, mas inevitável: “Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras” (Ap 22: 12). Este é o momento em que o mundo e o cosmos inteiro voltará à ordem originária de Deus, a eternidade, desprovida de passado, presente e futuro, que é a propriedade de Deus, a fonte última do tempo, fixo e transcendente.

Assim, a estrutura e composição de *Invenção de Orfeu* deriva do momento específico da história escatológica cristã no qual o próprio poeta se situa na época moderna, juntamente com todos os seus semelhantes. Deve-se ressaltar um componente essencial das crenças doutrinárias de Jorge de Lima: os tempos atuais do mundo estão a chegar ao fim. A história humana chegou já ao ponto em que a humanidade há de preparar-se para a segunda vinda do Cristo, momento em que o cosmos inteiro voltará à ordem original que Deus criou: “Feliz o leitor e os ouvintes se observarem as coisas nele escritas, porque o tempo está próximo” (Ap. 1 – 3).

A ideia geral de que havia algo radicalmente perturbador e diferente nos dias atuais, uma catástrofe possível ou mesmo iminente, era amplamente compartilhada pelos intelectuais e poetas modernistas de meados do século XX. Esses pensadores, diante das consequências de duas Guerras Mundiais, das lutas ideológicas, dos conflitos e da carnificina, acreditavam que sua tarefa fundamental era transformar a consciência humana por meio de uma regeneração radical da poesia e da poética da mesma forma que as inovações científicas, tecnológicas e políticas mudavam a sociedade humana. Dentre as respostas diversas nas letras, filosofias e poéticas à percebida crise da civilização ocidental, um número significativo foi inspirado pela ideia de que um renascimento dos fundamentos da fé cristã poderia fornecer uma solução para a referida crise (DOMESTICO, 2017; PINKERTON, 2017). De fato, como argumenta Richard Landes, a meta dos modernistas de dismantelar sistemas antiquados ou esgotados, de renovar ou “fazer de novo”, poderia ser traçada até conceitos apocalípticos ou escatológicos, ideais mais explicitamente adotados pelos artistas cristãos dos 30 (LANDES, 2011, p. 321 – 323). À medida que o século XX avançava para as décadas de 1930 e 1940, vários grupos brasileiros, tais como a organização leiga Ação Católica Brasileira, liderada pelo crítico modernista Tristão de Ataíde, visava “restaurar os laços quebrados entre o mundo intelectual e o mundo espiritual” (O’NEILL, 2012, p. 23). Este grupo afirmou que o próprio Cristianismo poderia ser transformado por meio da arte e da poesia, a fim de atrair novos adeptos, fornecer uma análise profunda do verdadeiro natureza da época moderna, e preannunciar o destino último da humanidade segundo o plano de Deus.

Jorge de Lima se destaca entre os intelectuais brasileiros que aderiram e promoveram o conjunto de doutrinas que colocava a segunda vinda de Cristo e a criação de um “novo céu e uma nova terra” como o desfecho definitivo da época moderna. Sua convicção de que a era moderna prenunciava os “fins do tempo” e, depois, uma renovação e revitalização por meio da intervenção de Deus fica evidente nas afirmações feitas em entrevistas e outros escritos, como

este exemplo de 1938, onde fala de “a época presente (...) a época propicia, o clima vital do poeta” (SILVEIRA, 1958, p. 66). Em *Invenção de Orfeu*, há repetidas referências a “os fins do tempo” em que o poeta vive atualmente, “na beira desses mundos”, antecipando o retorno e o novo começo do paraíso terrestre. Um exemplo é Poema XIV, Canto X, Missão e Promissão:

pois nesses fins do tempo sou um certo

cavaleiro chamado Adão segundo
flagelado de quedas, e barão
de azorragues de fogo assinalado;

que deseja na beira desses mundos
dormir nas frondes que amanhã virão,
dormir já morto nos futuros pomos.
(LIMA, 2017, p. 372).

Esse objetivo fundamental também sustenta a escolha do gênero épico pelo poeta para enquadrar sua visão, bem como sua adaptação singular no século XX, explicada nos seguintes termos por Jorge de Lima:

Eu pretendi com este livro, que é um poema só, único, dividido em 10 cantos, fazer a modernização da epopeia. Uma epopeia moderna não teria mais um conteúdo novelesco – não dependeria mas de uma história geográfica, nem do modelos clássicos da epopeia (LIMA, 1958, p. 94).

Segundo João Gaspar Simões, Jorge de Lima pretendia dar à sua obra o título de “cosmogonia”, que significa uma narrativa mitológica sobre a criação do mundo e do universo (SIMÕES, 1980, p. 16). A tarefa divinamente originada ou designada do poeta de criar, ou recriar, a partir de uma massa incipiente através de acesso privilegiado a um Verbo sagrado, tem antecedentes antigos na poesia cosmogônica, desde o Gênesis bíblico até os épicos clássicos e renascentistas que Jorge de Lima cita e reelabora extensivamente ao longo de *Invenção de Orfeu*. Assim, a obra representa uma oportunidade para criar uma nova cosmogonia na época contemporânea, constituída pelos vestígios de uma cultura ocidental fragmentada e destruída, recuperado e reelaborado pelo poeta para restaurar uma visão e uma esperança, não apenas nas origens, mas também do destino último da humanidade:

Poema unânime abrange os seres
e quantas pátrias. Quantas vezes
Poema-Queda jamais finado.
(...)

não sou a luz mas fui mandado
Para testemunha a Luz.
Que flui deste poema alheio.
(LIMA, 2017, p. 52)

Essa imagética, uma das muitas inspiradas no *Livro do Apocalipse*, baseia-se principalmente na imagem radiante e ressuscitada de Jesus revelada a João de Patmos na Nova Jerusalém, onde Ele substitui o sol e a lua como fonte suprema de luz: “A cidade não necessita de sol nem da luz para iluminar, porque a glória de Deus a ilumina e a sua luz é o Cordeiro (Ap 21: 23).

Por conseguinte, embora uma análise das fundações religiosas de *Invenção de Orfeu* seja necessária para uma compreensão plena do poema, fica claro que a intenção de Jorge de Lima nunca foi uma exposição simples ou explícita do pensamento doutrinário ou religioso em linguagem referencial. As poéticas múltiplas e complexas que compõem *Invenção de Orfeu* são fruto do longo envolvimento de Jorge de Lima com o modernismo brasileiro desde o início de sua carreira, em plena integração com o desenvolvimento de suas crenças espirituais e religiosas: em outra entrevista concedida em 1942, afirma:

Surgia então o Modernismo tão-somente com o fim de patentear a espiritualidade do país, uma velha e tradicional aspiração de alma brasileira que se apresentava agora com perfeita organização moderna” (NUNES, 1958, p. 81).

O seu objetivo paralelo, não menos que o dos seus contemporâneos, foi renovar ou redefinir os princípios da criação poética através da redefinição radical da função, natureza e propósito da linguagem em si, um objetivo que foi considerado pelo poeta como um pré-requisito essencial para a revelação completa do plano divino para a humanidade “na época presente (...) a época propícia, o clima vital do poeta”, neste momento específico da história da humanidade, no “fim dos dias”. As múltiplas dimensões poéticas de *Invenção de Orfeu* são desenvolvidas pelo poeta com um único objetivo: libertar a humanidade do mundo alienado e contingente do tempo cronológico e uni-la em uma esfera transcendental de união com o que o poeta denomina o “Verbo”, divino e eterno.

No primeiro Canto de *Invenção de Orfeu*, “Fundação da Ilha”, o poeta afirma o seguinte:

desejo de esquecer tempo e espaço esquecidos;
e em vós e em vossa paz meus soliloquios paro-os,

penetro-me do Verbo em seus silêncios claros,
invisto-me de vós, vossa fronte me espia

através dessa pedra em que nasce o meu dia.
(Lima, 2017, p. 36).

Trata-se, portanto, de outro princípio conceitual fundamental que sustenta as poéticas de *Invenção de Orfeu*, que a criação do cosmos foi, antes de tudo, um ato verbal, denominado o *Logos* segundo a teologia do Evangelho de São João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus (...) [O Verbo] era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem” (Jo, 1:1,9). O ato de “invenção” que o poeta realiza ao longo da sua obra é, de fato, uma participação no ato de criação originária do Verbo. Mas também a “invenção” é um ato de antecipação do segundo advento do Jesus Cristo que, como único filho de Deus, é “a Revelação (...) como palavra de Deus, o testamento de Jesus Cristo e tudo o que viu” (Ap, 1 – 2).

Até aqui, traçamos de maneira geral a relação entre as estruturas escatológicas de *Invenção de Orfeu* e os trechos mais relevantes da Bíblia que tratam desse tema. Mas é o dever e a tarefa fundamental do poeta revelar o Verbo divino que vincula as poéticas de *Invenção de Orfeu* aos propósitos do *Livro do Apocalipse*. Essa conexão requer uma análise do *Apocalipse* como gênero literário, a fim de compreender os métodos poéticos específicos empregados por Jorge de Lima para transmitir sua própria revelação do Verbo de Deus e o destino predeterminado da humanidade. Segundo Adele Yarbro Collins, a literatura apocalíptica é “destinado a interpretar as circunstâncias terrestres atuais à luz do mundo sobrenatural e do futuro, e a influenciar tanto a compreensão quanto o comportamento do público por meio da autoridade divina” (YARBRO COLLINS, 1986, p. 7: tradução minha).

O modo de revelação poética em *Invenção de Orfeu* é determinado por duas circunstâncias: em primeiro lugar, a própria situação do poeta como “ser duplo” (LIMA, 2017, p. 383). Por um lado, como ser humano, é filho de Adão, e, portanto, está totalmente implicado no mundo da Queda, obrigado a compartilhar as tribulações e do destino mortal da humanidade. Por outro lado, é um ser ordenado por Deus para restaurar ao mundo a linguagem inerentemente sagrada, enraizada no Verbo de Deus, o agente primordial da criação que, na época contemporânea, fica latente mas submersa sob o vasto fluxo da civilização humana decaída e sua linguagem fragmentada e corroída. Em segundo lugar, conforme já foi destacado acima, o momento específico do esquema escatológico em que se insere *Invenção de Orfeu*: a vinda do

Verbo encarnado na forma de Jesus Cristo é certa, talvez iminente, mas ainda está longe de se manifestar plenamente ou de ficar clara, mesmo para o próprio poeta.

A tarefa inicial do poeta, portanto, é o resgate, recomposição e reintegração das "referências e sigilos", isto é, todos os fragmentos da linguagem com conotações sagradas proveniente do Verbo que ainda restam na língua contemporânea, guardando “ressonâncias (...) latejando nas pedras incendiadas” (LIMA, 2017, p. 27). O poeta ainda fica capaz de recompor as "cadeias da memória" destes vestígios, que remontam aos acontecimentos fundacionais da fé cristã (CLARKE, 2022, p. 41). Por meio de seus recursos poéticos, a obra talvez consegue revelar simultaneamente a presença sacramental de Deus no mundo e a futura promessa da redenção:

Só vejo referências e sigilos,
que o mais é necessário esclarecer
em meio aos sedimentos desse breu.

E é preciso dar fomes a esses trigos,
ensinar os casuais a acontecer,
cantar de cantos como um novo Orfeu.
(LIMA, 2017, p. 120).

Antes de examinar um exemplo do método de composição descrito acima no texto de *Invenção de Orfeu*, vale a pena destacar as características únicas do próprio *Livro do Apocalipse*, do qual Jorge de Lima extrai seus principais tropos. A estrutura do Apocalipse é definida nos seguintes termos por J. Webb Mealy: “O contexto no *Apocalipse* consiste em um sistema de referências que, progressivamente, constroem precedentes hermenêuticas no texto, precedentes que condicionam o significado de cada nova passagem de maneiras altamente significativas” (MEALY, 1992, p. 13). Esse esquema, que está na base do *Livro do Apocalipse*, aplica-se igualmente aos princípios-chave de composição que orientam a *Invenção de Orfeu*. A tarefa e missão assumidas pelo poeta constituem um motivo fundamental para uma das características mais marcantes, e comentadas, de *Invenção de Orfeu*: as múltiplas camadas de referências, apropriações, citações e alusões a outros textos poéticos, desde a epopeia clássica até a era contemporânea (CAVALCANTI, 2012, p. 4). Este compêndio funciona como um canal através do qual o poeta pode empreender a viagem precária e tortuosa de volta à origem discernível do Verbo originário de Deus.

No entanto, a rede de referências que o poeta constrói, composta por “palavras ancestrais” (LIMA, 2027, p. 252), acaba por remeter a tropos fundamentais extraídos da Bíblia,

que continua ainda como um repositório sagrado à disposição do poeta contemporâneo para resgatar, renovar e transfigurar novamente. Esses tropos constituem ferramentas hermenêuticas que permitem ao poeta oferecer ao leitor moderno uma esperança da futura redenção da humanidade que está por vir.

O *Livro do Apocalipse* apresenta uma série de topografias, tanto físicas quanto espirituais, nas quais se desenrola o confronto final entre o mal e a redenção divina. Segundo Konrad Huber, o *Apocalipse* constitui uma “sinfonia de imagens verbais”, que evocam imagens correspondentes na mente dos ouvintes ou leitores do texto, e que são essenciais como meio de transmitir a mensagem teleológica do livro, e as características intrínsecas das imagens são diretamente relevantes para seu propósito teológico (HUBER, 2020, p. 92). Muitos desses elementos visionários ganham assim um significado figurativo, ou seja, convidando o leitor a ir além da imagem aparente para descobrir uma verdade mais profunda e simbólica. Portanto, as imagens funcionam como símbolos – isto é, um significante que representa outro elemento conceitual. Os símbolos são uma parte integrante da doutrina e a prática cristã como “sinais do reconhecimento e reunião” (KUCZOK, 2000, p. 238). Mas em todos os casos, alguma forma de correspondência entre o objeto simbólico e o conceito espiritual a que se refere está sempre presente. Cada imagem verbal dentro do *Apocalipse* contém uma variedade de elementos que contribuem para o processo de simbolização, e sugerem múltiplos aspectos de significado. Além disso, os símbolos emergem do relato de ações e interações que ocorrem dentro da narrativa da visão e podem até envolver o próprio vidente ou leitor.

Vejamos, então, um exemplo extraído da última parte do *Livro do Apocalipse*, capítulo 22:

Mostrou-me então o anjo um rio de água viva resplandecente como cristal de rocha, saindo do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da avenida e às duas margens do rio, achava-se uma árvore da vida, que produz doze frutos, dando cada mês um fruto, servido as folhas da árvore para curar a nações (Ap 22:1-2).

Essa Árvore da Vida carrega múltiplos significados. No *Gênesis*, a árvore é um único exemplar em um jardim delimitado, do qual a humanidade é banida após a Queda para impedir a vida eterna. Em *Apocalipse* 22.2, porém, a árvore é apresentada com “doze tipos de frutos” e está acessível a todos, simbolizando a remoção total da barreira entre Deus e a humanidade. As propriedades curativas das folhas da árvore conferem-lhe uma dimensão restauradora. Essas múltiplas dimensões dos produtos da criação natural retratam um “templo cósmico”, onde a

própria natureza se torna o santuário da presença de Deus. Segundo G.K. Beale, *Apocalipse* 21-22 pode ser interpretado, não como uma destruição do mundo natural, mas como sua consumação: Deus restaura toda a criação ao que Ele originalmente pretendia (BEALE, 2004, p. 224 – 225).

Jorge de Lima esclarece as propriedades regenerativas do símbolo na seguinte passagem do Canto X, “Missão e Promissão”, Poema VII:

Os símbolos dilatam-se nas mãos;
prosseguem logo as línguas ontem mudas
e são despertas searas, diapasões
e os dedos repousadas sobre os tules.
(LIMA, 2017, p. 365).

Cito, então, um exemplo específico dessa formação dos símbolos em *Invenção de Orfeu* que ilustram a intrincada interação entre as “palavras ancestrais” do discurso divino e a linguagem mundana com a qual o poeta tem de trabalhar. A criação e o desenvolvimento dos símbolos depende do que George Larkoff e Mark Johnson denomina “metonímias simbólicas”, que são ligações essenciais entre a linguagem secular e “os sistemas metafóricos coerentes que caracterizam as religiões e as culturas”, e que emanam de forma mais direta da “metáfora-raiz fundacional” (LARKOFF; JOHNSON 1980, p. 400).

Os tropos extraídos do *Livro do Apocalipse*, que Jorge de Lima emprega para compor as suas próprias topografias, são elementos individuais da criação divina do mundo natural, tais como pedras, rochas, rios, o mar, bem como a fertilidade agrícola e a natureza e plantas: flores, em particular rosas e lírios, folhas, e cavalos. A metonímia simbólica, neste exemplo específico, é o motivo recorrente da folha, um resquício da Árvore da Vida, e, no mundo terrestre corrompido pela Queda, tudo o que resta da árvore original do Jardim do Éden, como demonstram estas linhas:

Não a vaga palavra, corrutela
vã, corrompida folha degradada,
de raiz deformada, abaixo dela,
e de vermes, além, sobre a ramada.
(LIMA, 2017, p. 368).

No próximo exemplo, extraído do Poema XXXII do Canto I, “Fundação da Ilha”, vemos um processo mais desenvolvido de simbolização do poeta, utilizando os fragmentos metonímicos que lhe restam nos atuais “ruídos da língua” e “no fundo das coisas materiais”:

[...] pois a cama são gomos, mesmo bares
 como ruídos de língua, tragos fundos
 e uma só folha como espada verde
 cobrindo pazes, ventre e barricadas
 e alambiques bochechas e garrafas.
 (LIMA 2017, p. 65).

Neste exemplo, a folha é agora projetada sobre a espada, um instrumento do julgamento de Cristo, uma defesa e uma proteção, de acordo com o *Livro do Apocalipse* (Ap. 2.16). Essa ligação é ainda mais reforçada pela representação da espada em verde, antecipando ainda mais o templo cósmico da natureza que será recriado por Deus. A projetar cada metonímia numa outra figura, novas conexões são estabelecidas entre palavras que, no mundo caído, não têm relação semântica. Porém, e à mesma vez, o poeta efetua reconexões dos tropos antigos e sagrados que evocam a criação originária de Deus, recriados e reunidos novamente.

Vejamos, para completar, o terceiro e último trecho extraído do Canto X, “Missão e Promissão” de *Invenção de Orfeu*, no qual a promessa de redenção futura em um “novo céu e uma nova terra” é tornada mais explícita pelo poeta:

Retomamos as reais clarividências,
 participamos, ó participamos,
 [...] inerimos o que há de vir,
 em verdade inerimos zonas reais,
 mares, florestas, astros, amplidões.
 Crescemos os pomares invisíveis,
 somos gerais e próprios. Penetramos.

Semear agora para quem virá
 a variedade da árvore ramada
 e um arado inventar para bisnetos
 guardar a oliva eterna.
 (LIMA 2017, p. 362).

Essa passagem representa a integração e a consumação do processo dinâmico e mutável ao longo de *Invenção de Orfeu*. A simbolização em torno da figura da árvore, incluindo o tropo de folha que tem surgido a intervalos na obra, está mais plenamente desenvolvida, formando uma rede de símbolos inter-relacionados e interligados. Esta rede mais elaborada representa a plena geração e a proliferação da vida, que constitui a característica mais fundamental da criação de Deus: “profundas folhagens respondidas aos pomos estendidos” (LIMA, 2027, p. 403). Porém, o ato da criação do mundo de Deus é agora aprimorado e superado: a nomeação

de árvores comuns e reconhecíveis, incluindo a maceira, constituem uma previsão tanta de uma nova terra quanto do novo céu. Aliás, o ato de “invenção” que o poeta tem realizado é uma participação também no ato da criação original realizado pelo Verbo divino e eterno. Neste ponto, no último canto de *Invenção de Orfeu*, ele exorta os seus semelhantes a participarem com ele na reconstrução do templo cósmico da natureza, a semearem no presente o que está por vir no futuro. Assim, oferece a promessa de uma resolução final das dialéticas que compõem a estrutura de *Invenção de Orfeu*, a afirmação explícita dos princípios da vida eterna por meio do advento da Verbo encarnado na pessoa de Jesus Cristo, que, na última instância, vencerá a morte: “o Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os levará às fontes das águas vivas: e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos” (Ap 7:17).

Referências

BEALE, Gregory J. *The Book of Revelation: a Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

BEALE, Gregory J. *The Temple and the Church's Mission: a Biblical Theology of the Dwelling Place of God*. Lisle, IL: Intervarsity Press, 2004.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Entre o épico e o lírico: os limites da criação poética em *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima. *Revista Linguagem, Educação e Memória*, v. 3, n.3, dezembro 2012.

CLARKE, Margaret Anne. Palimpsests and symbols: principles of poetic composition in Jorge de Lima's *Invenção de Orfeu*. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 8, n. 20, Jan/Jun 2022, p. 35 – 50.

COOK, Stephen L. *The Apocalyptic Literature*. Nashville: Abingdon, 2003.

DOMESTICO, Anthony. *Poetry and Theology in the Modernist Period*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

HONORATO DE JESUS, Suene. VRevLet – *Revista Virtual de Letras*, v. 1, n. 1, 2009, p. 78–93.

HUBER, Konrad. Imagery in the Book of Revelation. In: KOESTER, Craig R. *The Oxford Handbook of the Book of Revelation*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

KUCZOC, M. The Interplay of Metaphor and Metonymy in Christian Symbols. *Metaphor and Symbol*, v. 35, n. 4, 2020, p. 236–239.

LANDES, Richard. *Heaven on Earth: the varieties of the Millennial Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

- LIMA, Jorge de; MENDES, Murilo. *Tempo e Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1935.
- LIMA, Jorge de. *Obra Completa*. Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- MEALY, J. Webb. *After the Thousand Years: Resurrection and Judgement in Revelation*. Sheffield, UK: Sheffield University Press, 1992.
- NUNES, Osório. O Modernismo Morreu? In: *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, outubro 24, 1942. Reeditado em LIMA, Jorge de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958, p. 80 – 81.
- O'NEILL, Mary Ancilla. *Tristão de Ataíde and the Catholic Social Movement in Brazil*. Whitefish, Montana: Literary Licensing, LLC, 2012.
- PINKERTON, Steven. *Blasphemous Modernism: the 20th Century Word Made Flesh*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- SENNA, Homero. Vida, Opiniões e Tendências dos Escritores. *Revista de O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 de julho, 1945. In: LIMA, Jorge de. *Obra Completa*. São Paulo: Editora José Aguilar, 1958, p. 74 – 75.
- SILVEIRA, J. (1958). Jorge de Lima Fala de Poesia, *Vamos Ler!* Rio de Janeiro 1938 – 1939. In Lima, Jorge de, *Obra Completa*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar.
- SIMÕES, João Gaspar. Nota Preliminar. In LIMA, Jorge de, *Poesia Completa*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 13 – 25.
- STEPHENS, Mark B. Creation and New Creation in the Book of Revelation. In KOESTER, Craig R. *The Oxford Handbook of the Book of Revelation*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- TONNING, Erik. *Modernism and Christianity*. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- VAN NIEKERK, R.J; VAN ECK, E. Revelation as an apocalypse: critical considerations on the literary genre apocalypse. *Verbum et Ecclesia*, v. 46, n. 1, 2025.
- YARBRO COLLINS, Adela (Org.). Introduction. In *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social Setting*. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, p. 1–11, 1986.

Recebido em: 10/07/2026.

Aceito em: 20/07/2026.